

CAMINHOS DO ORFISMO: DA ANTIGUIDADE ARCAICA AO CRISTIANISMO - O ESPIRITISMO-CRISTÃO ANUNCIADO DESDE O ORFISMO.

João Vicente Gomes de Alvarenga

Auner Pereira Carneiro

Resumo

O presente trabalho tem por base desvendar os caminhos do pensamento órfico, cujos rastros são encontrados na Antiguidade Clássica. Nesta tarefa, os mentores se destacam em compreensões que são acompanhadas por especialistas em mitologia grega e no pensamento filosófico de autores pré-socráticos e socráticos. O Orfismo trouxe à luz o dualismo ontológico, antes mesmo do filósofo Descartes. A dualidade corpo e alma era a base fundamental do pensamento órfico que se desdobra, então, na doutrina da sobrevivência da alma e no conceito de metempsicose, ou reencarnação. O Orfismo faz escola com Pitágoras que, por sua vez, influencia fortemente Platão, com sua cosmovisão, apoiada no mundo das ideias e seus naturais desdobramentos, as bases do Orfismo e do Pitagorismo. Por fim, é a culminância inspiracional que orienta que a Doutrina Espírita e o Cristianismo podem aproximar-se e colocarem-se também como herdeiros do Orfismo, salvo melhor juízo.

Palavras-chave: Orfismo. Religiões dos Mistérios. Sobrevivência da Alma. Reencarnação. Espiritismo

Resumen

El presente trabajo tiene por base desvelar los caminos del pensamiento hueco, cuyos rastros se encuentran en la antigüedad clásica. En esta tarea, los mentores se destacan en comprensiones que son acompañadas por especialistas en mitología griega y en el pensamiento filosófico de autores presocráticos y socráticos. El Orfismo trajo a la luz el dualismo ontológico, antes incluso del filósofo Descartes. La dualidad cuerpo y alma era la base fundamental del pensamiento órfico que se desdobra, entonces, en la doctrina de la supervivencia del alma y en el concepto de metempsicosis, o reencarnación. El Orfismo hace

escuela con Pitágoras que, a su vez, influye fuertemente Platón, con su cosmovisión, apoyada en el mundo de las ideas y sus naturales desdoblamientos, las bases del Orfismo y del Pitagorismo. Por último, es la culminación inspiracional que orienta que la Doctrina Espírita y el Cristianismo pueden aproximarse y colocarse también como herederos del Orfismo, salvo mejor juicio.

Palabras-clave: Orfismo. Religión de los Misterios. Supervivencia del Alma. Reencarnación. Espiritismo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As características dos cultos misteriosos são evidenciados e representam uma taxonomia em dois sentidos: os Mistérios Gregos e os Orientais. A história desta manifestação cultural e inspiracional grega representa a criatividade, inovação e um empreendedorismo ímpar nos registros históricos sobre as nuances da razão.

Os registros históricos, advindos de uma ordem bibliográfica e documental cósmica oficial, de caráter naturalismo e historicismo não apresenta a totalidade da vida religiosa helênica.

Na segunda metade do século VII a. C. e por todo o século VI a. C., é fato, por exemplo, o fenômeno de a uma efervescência religiosa de caráter diverso, marcadamente místico e soteriológico, que vinha dar resposta às aspirações insatisfeitas, mas sempre presentes e atuantes nas crenças do que consideravam como povo.

Destes usos e costumes, expressavam outros interessados e fervorosos suplicantes nos santuários particulares, mantidos à margem de uma religião oficial.

Esta motivação manifesta-se vinculada ao orfismo, com origens adrede, da Trácia e criava espaço para a manutenção de uma linha mítica já existente entre os gregos, nas devoções espirituais dos mistérios, nas quais a divindade se apresentava no seu caráter de transcendência e antropomórfica, forma de pensamento que abraça características especiais de divindades ou animismos aos elementos de práticas comportamentais humanas a animais, deuses, ou outros elementos da natureza e integram a sustentabilidades de rituais, convênios e da cultura produzida.

Assim, serão estudados com melhores reflexões os seguintes aspectos deste texto, tais

como, inicialmente, a expressão da cultura helênica sobre o fenômeno indicado neste artigo, em seguida, destaques sobre os cultos nas religiões e os mistérios decorrentes e finalmente, sobre as condições especiais dos processos inspiracionais identificados e a influência do espiritismo.

A EXPRESSÃO DA CULTURA HELÊNICA SOBRE O FENÔMENO INSPIRACIONAL.

Nos momentos finais do século VIII a.C. o mundo helênico já está constituído e cantado em poemas atribuídos a Homero: *Ilíada* e *Odisséia* e a Hesíodo: *Os trabalhos e os dias*, além de *Teogonia*. Na história do mundo grego, estes poetas são um marco. O início. Eles trabalhavam sobre um material que já preexistia, material rico e variado: os mitos.

Nos remotos séculos XII a IX a. C., a cultura grega, como aliás todas as culturas antigas, buscaram no mito a forma apropriada de se estruturar e de se organizar:

A força propulsora da força mitogênica, ou seja, aquilo que desafia o homem a produzir mitos, é o mistério, que envolve a vida e o ser. O homem sente-se como que jogado na existência, em meio à multiplicidade de fenômenos, que o desafiam e que ele tem de ordenar ou organizar, significativamente, em função de um viver razoável. Não só em função da sobrevivência física ou biológica, como todo animal, mas também em função da sobrevivência psicológica e social; o que é próprio do ser humano.¹

No entanto, a atitude de procura e de definição de um ideal humano de vida, ainda que dentro dos limites de sua situação existencial, que recebeu o nome de humanismo, vem a constituir-se em característica marcante do helenismo. Acontece um gradual desligamento da concepção mítico-religiosa e uma adesão ao laicismo, “em que razão e liberdade serão assumidas como fundamentos da ordem sócio-política. A história da religião grega é, contudo, complexa. A religião oficial, de caráter humanista e naturalista (...) não apresenta a totalidade da vida religiosa helênica.

Na segunda metade do século VII a. C e por todo o século VI a. C, observa-se que , por exemplo, a uma efervescência religiosa de caráter diverso, marcadamente místico e soteriológico, que vinha dar resposta às aspirações insatisfeitas, mas sempre presentes e atuantes na religião popular, a qual se expressava nos santuários particulares, mantidos à margem da religião oficial. Esta efervescência está ligada ao orfismo, o qual, ao que parece, vinha da Trácia e criava espaço para a manutenção de uma linha religiosa já existente entre os gregos, nas religiões dos mistérios, nas quais a divindade se apresentava no seu caráter de

transcendência.²

Nas obras de Homero e de Hesíodo afloram já elementos desse humanismo helênico². Destacando-se que em Hesíodo este processo de racionalização dos deuses é ainda maior que em Homero.

São míticos, contudo, os referenciais da cosmovisão de ambos. A história é um tecido complicado de ações, levado a cabo pelos homens. Mas, em última análise, são os deuses que decidem a sua trama. Os deuses do Olimpo, porém, perderam na sociedade aristocrática, que nos apresenta Homero, a sacralidade e a transcendência. Eles não são eternos, apesar de imortais. Estão sujeitos ao destino (moira). Entre eles reinam as mesmas emulações e disputas, que acontecem entre os imortais. Em suma, eles constituem uma espécie de réplica celeste do mundo nobre da Grécia.³

No rastro desse humanismo e naturalismo que caracterizavam a religião oficial, perdia-se também a autenticidade do sentimento religioso. “Os atos de culto têm características puramente rituais, sem ressonância de apelo ético ou místico”.⁴

Comentando sobre a religião estatal na Antiguidade Clássica, sentencia Junito Brandão:

Este [Apolo], “exegeta nacional”, comandou a religião estatal com mão-de-ferro, freando qualquer invocação com base no *métron* traduzido no *conhece-te a ti mesmo* e no *nada em demasia!* Uma quase liturgia sem fé, a religião da *polis* se resumia, em última análise, num festival sócio-político-religioso.⁵

Continuando na sua linha de raciocínio, lança as seguintes perguntas e argumentações:

Que prometia Apolo para o *Post mortem*? Quais as exigências éticas e morais da religião oficial? Que se celebrassem condigna e solenemente as festas religiosas... E depois? Talvez a resposta tenha sido dada bem mais tarde por Quinto Horácio Flaco: *pulvis et umbra sumus*, somos pó e sombra! *Pó e sombra*, nada além da triste escatologia homérica, que a religião estatal, opressora e despótica, teimava em manter sob a égide de Apolo.⁶

Marcando um contraponto com a religião apolínea, Junito Brandão traz à luz uma argumentação, segundo a qual, “Fundamentando-se numa singular antropologia⁷, numa inovadora teogonia e em novíssima escatologia, o Orfismo aprendeu a reservar as lágrimas para os que nasciam e o sorriso para os que morriam...

Embora tenham existido várias Religiões, ou Cultos dos Mistérios, no mundo helênico, todas elas têm origem nos cultos religiosos do período Neolítico, nomeadamente nos cultos da Mãe-Terra e cultos da fertilidade.

DESTAQUES SOBRE OS CULTOS NAS RELIGIÕES E OS MISTÉRIOS DECORRENTES.

Das Religiões dos Mistérios Gregos, destacam-se os seguintes Cultos: Culto de Elêusis, Culto de Dionísio, Culto de Orfeu e o Culto de Samotrácia; dos Mistérios Orientais, destacamos os Cultos a Átis - Cibele, Adonis, Íris - Osíris e Mitra.

Demonstra interesse ver mais de perto os Mistérios Gregos. Indica-se os Mistérios Orientais só para citação e para constatar que o assunto é bastante abrangente, impondo desta forma um limite de abordagem. A análise ficará centrada no âmbito do legado da cultura da Antiguidade Clássica. Assim, ao destacar os Mistérios Gregos para estas reflexões, deve-se conhecer um pouco dos seus diferentes Cultos associados a eles.

O Culto de Elêusis compreende os mistérios mais antigos, a partir do século IV a. C. Os locais de Culto estavam associados a Deméter, Perséfone e Lácós. O Culto está centrado em duas deusas: a mãe das sementes, Deméter, e a sua filha Perséfone. Conta-se que Perséfone fora raptada por Hades e levada para o mundo inferior, onde se tornou rainha. Durante os meses de verão, Perséfone podia voltar à Terra para se encontrar com Elêusis. Perséfone trazia a fertilidade e transmitia esperança num destino positivo no Além-túmulo.

O Culto de Dionísio era um culto orgiástico. Dionísio era o deus da natureza e do vinho, da alegria. Era filho de Zeus e Sêmele. Em Creta e na Trácia, estão suas raízes mais profundas, passando pela Grécia. Em seguida, ele chega a Itália, no século II a. C., estendendo-se até o Mar Negro e o Egito, como um culto mistério.

O Culto de Orfeu trazia uma fusão de ideias gregas, trácias e indo-iranianas, centradas em Dionísio, que fora morto e comido pelos Titãs. O seu coração salvou-se.

Esse Culto a Orfeu ensina que o ser humano possui uma alma dionisíaca e um corpo titânico; ele quer salvar-se e tem esperança no Além.

Os Mistérios de Samotrácia, importantes para a Grécia oriental e setentrional, formaram-se a partir de cultos ctônicos muito antigos, de épocas anteriores à existência da Grécia, e centravam-se numa grande deusa e nos seus acompanhantes. Assumiram repetidamente versões novas.

As religiões dos mistérios vinham, portanto, preencher uma lacuna, deixada pela religião oficial, satisfazendo a uma dimensão existencial mais profunda do ser humano, à qual os deuses do Olimpo e o humanismo, e a religião oficial que eles representavam, jamais puderam

satisfazer.

A *religião dos mistérios* (e o Orfismo aí incluído) satisfaria a essas exigências, que são exigências profundamente humanas. Por isso, “Era o tipo de religião que encontrava aceitação maior nas camadas marginalizadas. A questão cruciante do destino do homem, após a morte, recebia resposta confortadora na doutrina da imortalidade da alma”.⁸

Pode-se resumir a essência do pensamento órfico da seguinte forma:

- No ser humano há um princípio divino: uma alma que recai num corpo pela culpa originária;
- Essa alma não morre junto com o corpo, mas reencarna em sucessivos corpos, mediante uma série de renascimentos para, assim, expiar a culpa originária;
- A única vida que pode pôr fim a essa série de reencarnações é a vida órfica (os preceitos ético-morais, o que permitirá, então, a liberação da alma e de seu correspondente corpo;
- Existe um prêmio no Além para aquele que seja purificado.

Numa admirável síntese, o professor sueco Martin P. Nilsson define o Orfismo e dimensiona sua significação religiosa:

O Orfismo é o compêndio e, ao mesmo tempo, o coroamento dos agitados e complexos movimentos religiosos da época arcaica. A constituição de uma cosmogonia no sentido especulativo, com o encaixe de uma antropogonia que, antes do mais, pretende explicar a dupla natureza do homem, composta de bem e de mal; o ritualismo nas cerimônias e na vida; o misticismo na doutrina e no culto; a elaboração de ideias acerca de uma vida no além, plástica e concreta, bem como a transformação do inferno em um lugar de castigo por influxo da exigência de reparação, segundo a ideia antiga de que a vida no outro mundo é uma repetição da existência sobre a terra. Tudo isto se pode constatar em outras partes, ao menos em esboço, mas a grandeza do Orfismo reside em ter combinado o todo numa estrutura harmônica. Sua realização genial foi situar o indivíduo e sua relação com a culpa e com a reparação da mesma no próprio âmago da religião.⁹

Pode-se afirmar, portanto, que o núcleo central dessa doutrina radica em que o destino do homem não é outro que voltar para perto dos deuses, tendo cumprido sua meta evolutiva. *Sem o orfismo não seria possível explicar Pitágoras, Empédocles, Heráclito, Platão e a tradição*

derivada deste último, ou seja, não seria possível entender boa parte do pensamento antigo.

Os prêmios e castigos do Além-túmulo surgiram para minorar o desassossego diante do absurdo da existência terrena, que impede gozar aos virtuosos e não aos viciosos. Uma aparente inversão porque a ideia da reencarnação, da translação da alma de um corpo a outro, se apresenta como possível explicação para o fato do porquê recai o sofrimento nos inocentes.

Se cada alma goza de uma vida prévia e nas demais existe uma culpa original, então todo o mundo expia alguma culpa, de maior ou menor gravidade, que foi cometida numa vida anterior.

Esses padecimentos se convertem em elementos próprios da educação da alma, que só desaparecerão quando a alma se libere do ciclo de nascimentos e retorne às suas origens.

Este esquema de crença fez com que os homens observassem que dentro de si mesmo existiam dois princípios contrapostos e confrontantes: *a alma e o corpo*. Este último, como o túmulo da alma, como o local no qual está poderia expiar a sua culpa.

Pitágoras, pré-socrático, representante da chamada *escola italiana* (Crotona, sul da Itália, para onde se refugiara Pitágoras, temendo o tirano Polícrates), que se caracterizou por uma visão de mundo mais abstrata, menos voltada para uma explicação mais naturalista da realidade, o que, de certa forma, prenuncia o surgimento da lógica e da metafísica.

Pitágoras utiliza-se de pontos da doutrina órfica para o desenvolvimento e estruturação de seu pensamento ou sistema filosófico.

Sobre Pitágoras, nos fala Tiago Adão Lara:

Muitas notícias correm a respeito de Pitágoras. Sua figura permanece, contudo, envolta em lendas. Difícil discernir o que há, nelas, de histórico. O certo é que em cidades da Magna Grécia, como é o caso de Tarento, Metaponto, Síbaris, Regium e Siracusa, começaram a aparecer, a partir da segunda metade do século VI a. C., as escolas pitagóricas.¹⁰

As condições socioeconômicas, observadas a partir do século VII a. C., inspiraram Pitágoras a uma via existencial alternativa, ao ideal de vida rica e luxuosa, que o progresso proporcionava às minorias sociais. “É por isso que Escolas Pitagóricas se institucionalizaram, como verdadeiros núcleos religiosos e como agremiações, que pleiteavam renovação social profunda.”¹¹

Ainda com Adão Lara:

Enquanto movimento ético-religioso, o pitagorismo se aproximava do orfismo. Representavam ambos uma visão de homem bem diversa daquela visão otimista e mundana, que encontramos em Homero-Hesíodo e, em parte, nos milésios. O dualismo alma-corpo, presente nas religiões dos mistérios, as quais remontariam às tradições extra helênicas, vindas do Oriente Próximo ou da cultura xamanística do sul da Rússia, estava no centro das formulações doutrinárias do pitagorismo.¹²

Num curto capítulo (XXXIV) sobre Pitágoras, Thomas Bulfinch no seu livro *O livro de ouro da mitologia – histórias de deuses e heróis*, ele reproduz o poeta Ovídio apresentando Pitágoras aos seus discípulos.

Há Perspicácia em entender que, a partir do seu curto relato, que Ovídio, não só aceitava as ideias de Pitágoras, mas também se colocou como exemplo vivo do que dizia sua doutrina, acerca da reencarnação.

Senão observa-se que:

Ovídio apresenta Pitágoras aos seus discípulos com as seguintes palavras: “As almas não morrem jamais, mas sempre deixam uma morada para passar a outra. Eu mesmo me lembro de que, na época da Guerra de Tróia, fui Eufórbio, filho de Pantos, e caí pela lança de Menelau. Há pouco, visitando o templo de Juno e Argos, reconheci meu escudo pendurado entre os troféus. Todas as coisas mudam, nada perece. A alma passa daqui para ali, ocupando ora este corpo, ora aquele, indo do corpo de um animal para o de um homem, e deste para o de um animal, novamente. Do mesmo modo que se gravam na cera certas figuras, depois se derrete a cera e se gravam outras, assim, a alma, sendo sempre a mesma, apresenta, contudo, em ocasiões diferentes, formas diferentes. Portanto, se o amor do próximo não estiver extinto em vossos corações, abstende, recomendo-vos, de violar a vida daqueles que podem ser vossos próprios parentes”.¹³

O mesmo autor, Thomas Bulfinch, reproduz ainda uma passagem de o *Mercador de Veneza*, onde Shakespeare faz uma alusão à metempsicose, quando Graciano diz a Shylock:

*Levas-me quase a renegar a fé
E a crença pitagórica adotar
Segundo a qual dos animais a alma
Em corpo humano entra; teu espírito,
Vindo de um lobo, morto por castigo
De homicídio, em teu corpo refugiou-se.*

*É lupino, rapaz, sanguinolento.*¹⁴

Segundo informa Danilo Marcondes, o pitagorismo marcou profundamente a Antiguidade, em praticamente dez séculos de subsistência, estendendo-se ao período do helenismo, através de pensadores vinculados a essa tradição, os neopitagóricos. Posteriormente, confunde-se com o platonismo e o neoplatonismo, já que o pitagorismo exerceu forte influência sobre Platão.¹⁵

No seu diálogo *Phédon*, que discorre sobre o último dia de Sócrates sobre a Terra, Platão, pela boca de Sócrates, quando conversava com seus discípulos na cadeia, define a morte como o momento em que a alma se separa do corpo que é entendido como uma espécie de prisão da mesma e um elemento limitador de seu conhecimento. Ele fala também sobre a teoria das vidas sucessivas segundo o modelo pitagórico. A alma é entendida como a parte invisível e imortal do ser humano.

O diálogo é interrompido pela presença de um escravo que traz a taça com cicuta que o condenado Sócrates deverá beber. No entanto, ele não se abala. Limita-se a dizer ao homem que lhe traz a morte: “Ainda bem que entendes destas coisas. Que devo fazer?”¹⁶

CONDIÇÕES ESPECIAIS DOS PROCESSOS ESTUDADOS E A INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO.

O Espiritismo, Filosofia codificada por Allan Kardec em meados do século XIX, cujo marco é a publicação de *O livro dos espíritos* (18 de abril de 1857, primeira edição), situa Sócrates e Platão como precursores da ideia cristã e da ideia do Espiritismo. Na introdução de *O evangelho segundo o espiritismo* destaca no item IV:

Pelo fato de Jesus haver conhecido a seita dos essênios, fora erro concluir que ele aí moldasse a sua doutrina, e que, se vivesse em outro meio, outros fossem os princípios que professasse. As grandes ideias nunca se manifestam de chofre, e as que se baseiam na verdade têm sempre precursores que preparam parcialmente o caminho. Chegado que seja o tempo, Deus envia alguém com a missão de resumir, coordenar os elementos esparsos e formar um todo. Deste modo, como a ideia não surge abruptamente, encontra à sua aparição espíritos dispostos a aceitá-la. Assim sucedeu com a concepção cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.¹⁷

São postulados do Espiritismo: a crença na pré-existência do Espírito; sua natureza

imortal; a possível relação dos Espíritos com o mundo material e finalmente a ideia reencarnacionista que serão encontradas, como já observada, no Orfismo, em Pitágoras, Sócrates e Platão. E se já há o entendimento, como precursores da ideia cristã, nos evangelhos canônicos serão encontrados na expressão liberta de Jesus expondo abertamente, sem o tom de novidade espetacular, a noção de reencarnação, como nesta passagem em João, 3: 1-10:

Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, que pertencia à elite do povo judeu. ²Certa noite, ele foi ter com Jesus, e lhe disse: 'Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como Mestre; pois ninguém é capaz de fazer os milagres que fazes, se Deus não estiver com ele'.

³Respondeu-lhe Jesus: 'Eu lhe afirmo com toda certeza: se a gente não nascer de novo¹⁸, não pode ver o Reino de Deus'. ⁴Nicodemos perguntou-lhe: 'Como pode o homem nascer, sendo já velho? Certamente, não vai entrar de novo no seio de sua mãe e nascer...'. ⁵Respondeu-lhe Jesus: 'Eu lhe afirmo com toda certeza: se a gente não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. ⁶O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito. ⁷Não se admire porque eu lhe disse que vocês precisam nascer do alto. ⁸O vento sopra onde quer, e a gente ouve sua voz, mas não sabe de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do Espírito'. ⁹Perguntou-lhe Nicodemos: 'Como pode acontecer isso?' ¹⁰Replicou-lhe Jesus: 'Você é Mestre do povo e não o sabe?'

Jesus, encerra assim o diálogo com Nicodemos, *Você é Mestre do povo e não o sabe ?* dá a entender que a reencarnação era uma realidade banal, que transitava no imaginário popular; era um conceito, uma cosmogonia que faziam parte do senso comum, entre as pessoas mais simples daquele povoado.

E Nicodemos entendia sobre a reencarnação. A sua pergunta se revestiu de um propósito de desafio e provocação, assim entende-se, querendo pôr Jesus à prova sobre a cultura de seu tempo.

A ideia da palingenésia¹⁹, reencarnação²⁰ e metempsicose²¹, já era cogitada no pensamento científico-filosófico da Antiguidade, em Platão²² e nas religiões orientais. E no século III d. C, Plotino (aprox. 205-270) reabilita a ideia da reencarnação, num sistema filosófico em que esta ideia seria central no desenvolvimento de sua ética.

São límpidas as palavras finais de Junito Brandão no capítulo V, dedicado a *Orfeu, Eurídice e o Orfismo*:

A alma grega, realmente, não podia suportar a ruptura entre o mundo dos deuses e o

mundo dos homens, um mundo que entrega o homem à morte e proclama a imortalidade dos deuses. Eis porque tanto se lutou na Grécia órfico-pitagórico-platônica pela imortalidade da alma. É que, existindo no homem aquele elemento divino, aquela faísca de eternidade, de que tanto se falou, é preciso libertá-la, constituindo-se essa libertação no tema central dos mistérios gregos. Não há dúvida de que a gnose é filha bastarda da Antigüidade helênica: a alma, como diz Berdiaev deve forçosamente retornar à sua pátria eterna.

Além da óbvia influência sobre Píndaro e sobretudo, juntamente com o Pitagoricismo, sobre a gigantesca síntese platônica da nova “mitologia da alma”, o Orfismo chegou até os primeiros séculos da era cristã, ainda com muita vitalidade. Em seguida, foi-se apagando lentamente, mas Orfeu, mesmo independente do Orfismo, teve sua figura reinterpretada “pelos teólogos judaicos e cristãos, pelos hermetistas, pelos filósofos do Renascimento, pelos poetas, desde Poliziano até Pope, e desde Novalis até Rilke e Pierre Emmanuel”. Também nós, de língua portuguesa, tivemos a nossa reinterpretação do mito de Orfeu e Eurídice: trata-se da tragédia de Vinícius de Moraes, *Orfeu da Conceição*.²³

Assim, verificou se que, são as manifestações palingenésicas, são as melhores expressões sobre a liberdade de expressão e das possibilidades do conhecimento em largo espectro, primeiro pela difusão das obras e estilos assim apresentados, diante da gigantesca diversidade de interpretações e segundo, pelas agregações aos interesses de cada paradigma a ser defendido, ora como o mais significativo no processo antropológico das desigualdades socioeconômicas e políticas, ora como sustentáculo dos discursos e ordenamento legislativo e jurídico das empreitadas de poder nos reinados e impérios, ambos escravocratas e dominadores em estruturas e status representativo de riqueza.

Riqueza, castas sociais e poder para concretizar o espírito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por diversas e divergentes contingências, culminam estas reflexões sobre o ser humano em seu desejo de transcendência, seja na expressão do racionalismo, ou na entrega ao mais primitivo dos misticismos, este homem se debate do berço ao túmulo ao buscar sempre uma resposta para seu intrínseco significado diante do próximo, da natureza e de suas manifestações, no círculo vicioso de sua pobreza em todos os sentidos além dos convencimentos ideológicos condicionados por uma insistente volta, como um eterno retorno ao Deus Criador e pai Celestial, como princípio vital e energético.

REFERÊNCIAS

Bíblia. Disponível em : <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/3/1-10>. Acesso em 25.10.2017

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COLLI, Giorgio. **O nascimento da filosofia**. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1988.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

JÚNIOR, L. Palhano. **Dicionário de filosofia espírita**. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições CELD, 2000.

KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo**. 46 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Tradução de Fátima Sá Correia, Maria Emília V. Aguiar, José Eduardo Torres e Maria Gorete de Souza. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da filosofia – filosofia pagã e antiga**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. Volume I.

REZENDE, Antonio (organizador). **Curso de filosofia**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

RODRIGUES, Luzia Gontijo. **Nietzsche e os gregos – arte e mal-estar na cultura**. 1 ed. São Paulo: Annablume Editora, 1998.

SNELL, Bruno. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001.

¹ LARA, op. cit., p. 28, nota 2.

² Ibid., p. 32.

³ Ibid., p. 32.

⁴ Ibid., p. 33.

⁵ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 13 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. Volume II. p.151.

⁶ BRANDÃO, op. cit., p. 151.

⁷ A antropologia ou antropogonia (mito do nascimento do homem) órfica, tem como consequência o crime dos Titãs contra Zagreu, o primeiro Dioniso. (...) Após raptarem Zagreu, por ordem de Hera, os Titãs fizeram-no em pedaços, cozinham-lhe as carnes num caldeirão e as devoraram. Zeus, irritado, fulminou-os, transformando-os em cinzas e *destas nasceram os homens* (destaque nosso), o que explica que o ser humano participa simultaneamente da natureza titânica (o *mal*) e da natureza divina (o *bem*), já que as cinzas dos Titãs, por terem devorado a Dioniso-Zagreu, continham igualmente o corpo do menino Dioniso. (...) O homem, pois, tendo saído das cinzas dos Titãs, carrega,

desde suas origens, um elemento do mal, ao mesmo tempo que um elemento divino, do bem. Em suma, uma natureza divina original e uma falta original e, a um só tempo, um dualismo e um conflito interior radical. Nos intervalos do êxtase e do entusiasmo, o dualismo parece desaparecer, o divino predomina e libera o homem de suas angústias. Essa bem-aventurança, todavia, passada a embriaguez do êxtase e do entusiasmo, se evapora na triste realidade do dia-a-dia. É bem verdade que a morte põe termo às tribulações, mas, pela doutrina órfica da metempsicose, o elemento divino terá obrigatoriamente que se reunir a seu antagonista titânico, para recomeçar nova existência sob outra forma, que pode ser até mesmo a de um animal. In BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. Volume II. p. 158.

⁸ LARA, op. cit., p. 33, nota 2.

⁹ Apud BRANDÃO, op. cit., p. 155.

¹⁰ LARA, op. cit., p. 56, nota 2.

¹¹ *ibid.*, p. 57.

¹² *Ibid.*, p. 57.

¹³ BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia – histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior. 8 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p. 340-341.

¹⁴ Apud BULFINCH, op. cit., p. 342.

¹⁵ Cf. MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 33.

¹⁶ Apud LEAL, José Carlos. *Platão, o pilar de ouro – um estudo da espiritualidade na psicologia de Platão*. 1 ed. Rio de Janeiro: Leymarie Editora, 2001, p. 29.

¹⁷ KARDEC, Allan. *Obras completas*. Tradução de Torrieri Guimarães. 2 ed. São Paulo: Opus, 1985, p. 544.

¹⁸ Segundo L. Palhano Jr., “A verdadeira tradução para nascer de novo é gerado outra vez (*genneth another*). O termo *gennao* (gerar, tornar-se pai, dar à luz) sempre foi usado, tanto no A. T. quanto no N. T., com a versão *gerar*. Por que apenas em João, 3: 3 surge como *nascer*? A referência no diálogo com Nicodemos com Jesus é *gennethenai* = *ser gerado* outra vez. Jesus falava da necessidade da reencarnação para a evolução do espírito, a fim de aprender todas as coisas e aperfeiçoar-se para Deus”. (Teologia Espírita, p. 403)

¹⁹ [Do gr. palingenesía, pelo lat. tard. palingenesia.]

S. f. Filos.

1. V. eterno retorno (1). 2. Segundo Schopenhauer (v. schopenhaueriano), renascimento sucessivo dos mesmos indivíduos.

(1) Eterno retorno.

1. Filos. Na Antigüidade, doutrina comum aos órficos, pitagóricos, jônios e estóicos, segundo a qual o mundo, ao fim de um determinado período, retorna ao caos inicial, a partir do qual novamente se cumprirá um ciclo idêntico ao anterior, e isto em número infinito de vezes; ciclo do mundo, palingenesia.

2. Rel. Doutrina segundo a qual a alma se reencarna sucessivamente em diferentes corpos, realizando uma purificação progressiva até alcançar a perfeição.

²⁰ Dogma de, praticamente, todas as religiões antigas, cada qual com sua versão, a reencarnação vem a ser elevada à condição de Lei Universal pelo Espiritismo, como condição *sine qua non* para a evolução de todos os seres viventes. Trata-se da doutrina da pluralidade das existências corpóreas, do renascimento, das muitas vidas sucessivas corpóreas que um Espírito necessita para aprender e aperfeiçoar-se, tanto na Terra como em outros planetas habitados do Universo. In PALHANO JÚNIOR, L. *Dicionário de filosofia espírita*. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições CELD, 2000, p. 315.

De uma leitura mais atenta da definição acima, fica claro que reencarnação é dogma nas religiões antigas. No Espiritismo ela é tratada como Lei Universal.

Complementamos esta breve exposição sobre o conceito de REENCARNAÇÃO com as perguntas 166, 167 e 171, de *O livro dos espíritos* (Ver KARDEC, op. cit., p. 82, 84, nota 20)

166 – Desde que não atingiu a perfeição durante a vida corpórea, por que meios o Espírito atinge a perfeição?

Resposta – Submetendo-se à prova de uma nova existência.

167- Qual o objetivo da reencarnação?

Resposta – Expição, prova, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?

171 – Em que se funda a lei da reencarnação?

Resposta – Na justiça de Deus e na revelação; incessantemente repetimos: um bom pai sempre deixa aberta uma porta para o arrependimento. A razão não vos indica que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna aqueles aos quais não se deram todas as oportunidades para se melhorarem? Não são filhos de Deus todos os homens? Somente entre egoístas são comuns a iniquidade, o ódio implacável e os castigos eternos.

²¹ [Do gr. *metempsychosis*, pelo lat. *metempsychose*.]

S. f.

1 .Filos. Doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, homens, animais ou vegetais; transmigração da alma do homem para os animais e dos animais para o homem.

2. A teoria dessa doutrina.

No Espiritismo não se admite que o Espírito de um ser humano venha a reencarnar na forma de um vegetal ou de um ser irracional. Não é adotada esta concepção, já que para o Espiritismo, na senda evolutiva, o homem jamais retroage, podendo ficar temporariamente estacionário, mas nunca retroceder, o que abriria confronto com as Leis de Evolução. Mesmo assim, a metempsychose não deixa de revelar entre os povos primitivos a crença na imortalidade da alma e a pluralidade das existências, dois, entre os cinco postulados que viriam mais tarde sustentar as bases da Doutrina Espírita.

Em estudos sobre a gênese espiritual da humanidade, fala-se em processo evolutivo no qual é questionada a possibilidade de uma evolução que tem início no reino mineral, passando pelo protoplasma, seguindo pelo vegetal, animal e, finalmente, hominal. Desta forma, a alma humana, em sua genealogia, teria estagiado em reinos inferiores até atingir o reino hominal. O que não se identifica com o conceito de metempsychose, já que atingida esta etapa

(hominal), não seria mais cabível fazer o percurso de retorno, diríamos, involutivo. Apud Durval Ciamponi. *A evolução do princípio inteligente*. FEESP, São Paulo, 2001.

²² Na chamada teoria platônica da reminiscência estão claras as idéias de *imortalidade da alma* e de *reencarnação*. No diálogo entre Sócrates e Mênon, Platão coloca assim suas idéias:

Sócrates [a Mênon] _ ... *Já que a alma é imortal e já que viveu diversas vidas* (destaque nosso), e já que viu tudo o que passa aqui e no Hades, não há nada que não tenha aprendido. Também não é absolutamente surpreendente que, sobre a virtude e sobre o resto, ela possa se lembrar do que soube anteriormente. Como tudo se conserva na natureza e como a alma tudo aprendeu, nada impede que ao se lembrar de uma coisa – o que os homens chamam de aprender - ela reencontre em si mesma todas as outras, contanto que seja corajosa e não se canse de buscar; porque buscar e aprender não é outra coisa senão relembrar. (Mênon: 81 c/d).

²³ BRANDÃO, op. cit., p 170.

SOBRE OS AUTORES:

AUTOR 1: Mestre em Filosofia pela UFRJ, Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FAFIC), Especialista em Filologia Espanhola, pela Universidade de Madrid e Instituto de Cooperação Ibero-americana, Especialista em Teoria da Literatura (FAFIC), Licenciado em Letras (Português-Espanhol), leciona Língua Espanhola e Teoria da Literatura, no Centro Universitário Fluminense / FAFIC desde 1980. Autor do livro *Três Atos da História do Teatro em Campos*. Articulista do Jornal *O Diário* desde 2009 e do Jornal *Multimídia*, desde 2013, em Campos dos Goytacazes.

AUTOR 2: Prof. D.Sc. USP-SP. Coordenador do GPIDRM- Grupo de Pesquisa Interinstitucional de Desenvolvimento Municipal regional.UENF - UNIFLU. Prof. UNIG.